

Moto Aquática x Bote Inflável de Salvamento

Em diversas palestras ou cursos que tenho ministrado, tanto de operações com a moto aquática ou com o bote inflável de salvamento, tenho ouvido muitas coisas a respeito destas embarcações. A mais comum é que o bote está ultrapassado, sendo naturalmente substituído pela moto. Ouvi questionamentos também a respeito da eficiência da moto, principalmente em salvamentos onde se faz necessário a aplicação de RCP.

O interessante é que estes questionamentos em geral vêm de pessoas cujos serviços têm muita pouca ou nenhuma experiência no uso das embarcações que questionam. Para ser mais exato, vejo que muitos Guarda-Vidas no Brasil, e em alguns países da América do Sul, acreditam que o bote está ultrapassado.

Esta postura, entretanto, não encontra eco em países com mais tradição em salvamento com embarcações, como a Austrália, Estados Unidos, África do Sul e Nova Zelândia, entre outros. Na realidade, o que ocorre é que nestes países, assim como no serviço onde trabalho, uma embarcação serve para complementar o uso da outra.

Sou um defensor árduo do emprego do bote inflável de salvamento, tendo ministrado muitos cursos desta embarcação. Mas também ministro cursos de operações com moto aquática, e defendo a necessidade do uso destas embarcações, com a mesma intensidade.

Explico: um serviço, para ser completo, deve possuir o ciclo completo de atendimento: Guarda Vidas na prevenção de praia (com flutuadores/torpedos e pranchões), botes infláveis de salvamento, moto aquáticas, viaturas de socorro (suporte básico e avançado) e helicópteros.

Cada equipamento cumpre a sua missão, e a missão do bote e da moto é completamente diferente. Normalmente empregamos o bote em condições de mar menos adversa, com ondas de até 1,5 metros. O bote também é mais adequado quando temos um salvamento envolvendo várias vítimas, pela sua capacidade de suportar e mesmo de embarcar muitas pessoas a bordo. O bote também é mais barato, custando menos da metade do valor de uma moto. Sua durabilidade é maior e sua manutenção é mais barata e mais fácil de ser feita, podendo ser feita pelo seu operador. Por fim, o bote é mais confortável para operações mais demorada, oferecendo mais conforto à vítima e à tripulação durante a navegação, além de permitir que se leve uma quantidade maior de equipamentos.

A moto aquática já é mais útil quando o mar está maior, com ondas com mais de 1,5 metro. Também possui mais velocidade, o que a torna mais eficiente em operações em praias distantes (quando a autonomia de combustível o permitir). A moto também possibilita seu

Carlos Eduardo Smicelato

Capitão do Corpo de Bombeiros do estado de São Paulo

emprego com somente um operador, o que é inviável com o bote. Por fim, seu emprego é mais eficiente em salvamentos perto de costeiras e pedras.

No Salvamento Marítimo do Estado de São Paulo, aplicamos o uso das duas embarcações, de forma casada, isto é, interligada, não havendo sobreposição de uma sobre a outra. Normalmente o operador do bote também opera a moto, cabendo a ele optar pela escolha da embarcação conforme as condições de mar e a operação que irá executar. Em condições normais, ele opta pelo uso do bote, poupando a moto cuja manutenção e custo é mais caro. Com isto, possibilita uma maior durabilidade do equipamento, o que faz com que ele esteja sempre disponível e funcionando perfeitamente quando é necessário (muitos serviços que conheço e que se utilizam somente da moto, muitas vezes, por problemas de manutenção e conservação, acabam por não tê-la disponível quando mais é necessário). Cabe ao operador, como Guarda Vidas experiente, optar pela embarcação que irá usar, dando mais eficiência e comodidade a sua operação.

Carlos Eduardo Smicelato

Capitão do Corpo de Bombeiros do estado de São Paulo

Salvamento Marítimo

Instrutor de operações de salvamento com moto aquática e com bote inflável de salvamento.